



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8895 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

LETRAMENTO POLÍTICO COMO (RE)CONHECIMENTO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS: NARRATIVAS DE LENIRA MARIA DE CARVALHO, UMA MULHER NEGRA, TRABALHADORA DOMÉSTICA

Zambia Osorio dos Santos - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

Eliane Santana Dias Debus (Eliane Debus) - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

LETRAMENTO POLÍTICO COMO (RE)CONHECIMENTO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS: NARRATIVAS DE LENIRA MARIA DE CARVALHO, UMA MULHER NEGRA, TRABALHADORA DOMÉSTICA

Pensar processos de conscientização constituídos nas experiências de mulheres negras é um movimento de promoção de justiça cognitiva e esta pesquisa promoveu diálogos com os conceitos de letramentos, com os estudos sobre mulheres negras e as interações entre gênero, raça e classe para nomear de letramento político a conscientização de Lenira Maria de Carvalho, mulher negra, trabalhadora doméstica, tornando possível a sua percepção das contradições da sociedade, a partir dos livros *Só a gente que vive é que sabe: depoimento de uma doméstica* (1982) e *A luta que me fez crescer* (2000). Como aporte teórico para a análise, no que diz respeito à percepção do letramento político, expandiu-se a compreensão de Cosson (2001, 2008). Estabeleceu-se diálogo com o conceito de conscientização de Ramos (1958) e Freire (1980) e o conceito de experiência de mulheres negras de Bairros (1995), Hooks (2013) e Collins (2013). A conclusão obtida da escuta dos textos é que a atuação em espaços de coletividade, assim como a condição de trabalhadora doméstica, somaram-se para promover o letramento político da escritora, e outros possíveis letramentos, por meio das práticas de luta pela valorização do trabalho e do sujeito e da luta por moradia e o reconhecimento de letramentos políticos como conhecimento.

Palavras-chave: Educação. Letramento político. Mulheres negras. Experiência

Primeiras palavras

O objetivo desta pesquisa foi descrever e analisar a trajetória de letramento político de Lenira Maria de Carvalho, uma mulher negra, trabalhadora doméstica, para perceber como realiza leituras da realidade que a cerca. Nós, com o propósito de identificar, dentro de uma leitura possível, qual tipo de participação/interação promoveu a conscientização (FREIRE, 1980) de Lenira Maria de Carvalho, na forma de seu letramento político (COSSON, 2011), motivadas pela necessidade de ampliação do tempo presente, por meio das realidades que outrora estavam ausentes ou ignoradas, buscamos o reconhecimento dessas realidades, pois este movimento amplia a diversidade, temporalidades e reconhecimento das diferentes formas de produzir saberes.

As narrativas de Lenira Maria de Carvalho, *Só a gente que vive é que sabe: depoimento de uma doméstica* (1982), publicado no livro *Cadernos de educação popular 4* e *A luta que me fez crescer* (2000) são textos produzidos a partir das vivências de trabalhadora doméstica, mulher negra, sindicalizada, companheira de luta de muitas outras mulheres negras que por vezes não têm suas vozes ecoadas. Ouvir o que o texto “fala” é uma intenção muito forte em nossa escrita, busca marcar que não estamos tratando de objetos, mas de sujeitos. Por isso, insistimos no que seria considerado essa “licença poética”, de ouvir o que está escrito.

O esforço desta pesquisa foi de “escutar” os textos de Lenira Maria de Carvalho e pensar e escrever a partir e com ela. Constatamos uma produção de conhecimento que se opõe ao mito da democracia racial e ao mito da boa senhora ou do bom senhor. O que se percebeu foi uma realidade diametralmente oposta à anunciada pelos mitos citados. A luta de resistência às opressões e a exploração levada a cabo por Lenira é também um movimento de re-existência individual e de re-existência coletiva, por meio da luta de sua categoria.

Diálogos estabelecidos

Fundamentadas pelo conceito da conscientização, no sentido da obtenção de consciência crítica em que essa se equipara à constituição da forma histórica coletiva devida “a estímulos concretos decorrentes da percepção dos fatores que determinam tais estímulos” (RAMOS, 1958) foram feitas as análises. A consciência crítica surge, portanto, quando o sujeito reflete sobre os fatores determinantes de sua condição e se conduz diante deles como sujeito, em diálogo com a “conscientização em si” (FREIRE, 1980), que decorre das relações que os sujeitos travam no mundo e com o mundo, ambos pensando a conscientização como implicando ação, isto é, uma relação particular entre o pensar e o atuar, buscando uma ação crítica. De Ramos (1958), absorvemos a ideia de que essa consciência deve ser crítica para ser transformadora. De Freire (1980), o reconhecimento de que esse processo se dá em espaços cotidianos, na atuação dos sujeitos.

O conceito de experiência teve centralidade em nossa análise, não somente nos sentidos de “experiências de discriminação” ou de “experiência de opressão” (COLLINS, 2013), mas também no sentido de que as múltiplas experiências de mulheres negras nos espaços de trabalho e nas suas famílias criam condições para que as contradições entre as experiências do dia a dia e as imagens controladoras da condição de mulher negra se tornem visíveis. E poder perceber as contradições presentes em suas realidades fez e faz com que essas mulheres se abram para a desmistificação, tornando-se potência.

Consciência crítica (RAMOS, 1958), conscientização (FREIRE, 1980) e experiência (COLLINS, 2013; HOOKS, 2013) balizaram nossa compreensão sobre o letramento político, sobre como ocorre, quem são seus agentes e quais são suas possibilidades. O letramento político tomou então uma (re)configuração de possibilidade de (re)conhecimento das elaborações realizadas por sujeitos que não estão nos espaços institucionais de produção de políticas públicas, ou nos espaços legitimados de produção de conhecimentos. Não é de maneira isolada que as categorias de gênero, raça e classe perpassam na vida de Lenira e de mulher que compartilham experiências semelhantes e essas vivências articulam conhecimentos.

Ao escrever sobre si, Lenira Maria de Carvalho capta suas realidades, refletindo sobre sua vida e suas relações/interações, teoriza, inscreve-se no mundo e educa-se a partir da escrita. Educa-se, pois os saberes profundos fazem parte de nossa vivência, são os saberes dos quais nos apropriamos, fazendo-os nossos, recriando-os e convertendo-os em reais em uma “experiência vivida da teorização” (HOOKS, 2013, p. 86).

A consciência de uma mulher negra com respeito a sua própria vida realiza transformações que fortalecem as lutas e vivências das mesmas. Ao ler os textos de Lenira Maria de Carvalho, passamos a ter uma percepção sobre o ponto de vista de uma mulher negra, sobre como as formas de opressão atuam nos seu cotidiano e em seu corpo. Deixamos de trabalhar então com uma percepção homogênea para mobilizar pontos de vista, parcialidade, que compõem uma coletividade de experiências.

Da escuta atenta: letramento político

Retomando nossa busca central, partimos da problemática de pensar a identificação de qual tipo de participação/interação promoveram a conscientização de Lenira Maria de Carvalho, o que torna possível a sua percepção das contradições da sociedade, na forma de seu letramento político. Entendemos que Lenira Maria de Carvalho é um sujeito, constituída dentro de estruturas compartilhadas com outras mulheres negras, mulheres pobres, e sua constituição tem poder, poder que é poder epistemológico-político, pois carrega outras formas possíveis de olhar, falar, ouvir, ler e escrever. É político, pois tem potencialidades emancipadoras, e é epistemológico, por se fazer a partir de formas de existir que não estão contempladas nos discursos científicos vigentes. Criam formas de negociação e embate diante das relações postas, suas experiências são resultados e possibilidades dessas (re)formulações.

Os espaços compartilhados por trabalhadoras domésticas, neste caso, são lugares de resistência e subversão realizadas no cotidiano. Desde a conversa das empregadas domésticas na calçada, ao final de tarde, às assembleias da Associação ou do Sindicato, são espaços de construção compartilhados de significados, a partir da interação produzida através de diálogos, onde se forjam letramentos coletivos. Assim como a interação coletiva, ou seja, a participação em espaços compartilhados é fundamental nos processos de letramento político, os espaços dessas interações também são fundamentais. Estar trabalhando como doméstica influenciou diretamente a forma como Lenira Maria de Carvalho passou a pensar a organização coletiva e a representação como categoria. E no lugar ocupado enquanto empregada doméstica teve “um trabalho que permitiu a mulher negra ver a elite branca a partir de uma perspectiva a que os homens negros e nem mesmo os próprios brancos tiveram acesso” (BAIRROS, 1995, p. 463), por dentro, vivenciando as contradições dessa relação tão íntima e ao mesmo tempo distante entre trabalhadora e patrões.

Assim como a atuação na Juventude Operária Católica alterou as formas de pensar e se colocar na relação de trabalho. O contato com o feminismo da SOS Corpo (uma Organização Não Governamental - ONG), quando em diálogo com a realidade do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas, possibilitou críticas ao movimento feminista, como estava posto, e reelaborações sobre a lógica de trabalho na qual trabalhadoras domésticas estão inseridas. A trajetória como mulher negra, de camada pobre, perpassou todos esses espaços, e a colocou em um lugar de interação onde a busca por cidadania passa pela luta antirracista, a luta contra o sexismo e processos contínuos de buscas por liberdades.

Então, ao olhar para nossas duas hipóteses possíveis: 1) a condição de trabalhadora doméstica permite uma inserção em dois “mundos/realidades”, complexificando o olhar e a munindo de elementos para leitura e compreensão da realidade social que narra?; ou 2) os espaços de sociabilidade, como a Juventude Operária Católica, o convívio com outras empregadas, a atuação no Sindicato, a interação e parcerias com Organizações Não Governamentais feministas instrumentaliza as leituras de Lenira Maria de Carvalho sobre a realidade?, percebemos, ao longo de nossa “escuta” dessas narrativas, que não há dissociabilidade entre a condição de trabalhadora doméstica e a sua atuação em distintos espaços coletivos. Sendo assim, as duas hipóteses se somam e se complementam. Andam conjuntamente às vivências de cada um desses locais, dizendo de outras práticas sociais de letramento. Práticas em que percebemos o caráter social e plural das práticas de letramentos adquiridas em processos e espaços das esferas cotidianas. Práticas estas que são educativas, compartilhadas e produzidas na esfera do cotidiano, onde Lenira Maria de Carvalho atribuiu-lhes significados, objetivos e tornouas próprias. Esses espaços de letramento político – que se somam – capturam, em certa medida, a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de usos e produção dos conhecimentos.

Percebemos que a soma dos espaços abria margem para pensar outra possibilidade de organização do letramento político, não só pelos lugares, mas a partir das práticas que ocorrem nos espaços de letramento e que os transcendem, aglutinando as vivências e experiências dos locais onde Lenira Maria de Carvalho atuava. Chegamos a duas práticas de letramento político, que são catalisadoras de outras práticas que as constituem: a luta pela

valorização; e a luta por moradia. Identificamos nas narrativas o letramento político como se fortalecendo em torno dessas duas demandas, que mobilizam elaborações discursivas e práticas. A vida de Lenira Maria de Carvalho é a matéria-prima de seu conhecimento, teorizado, de forma autoconsciente ou não, por meio de processos históricos de aprendizagem. Mulheres que foram historicamente silenciadas e/ou segregadas politicamente, economicamente e culturalmente nas representações dominantes de mundo social, produziram, tal qual Lenira, uma quantidade significativa de testemunhos, escritas de si, histórias de vida e experiências que desafiam as previsões hegemônicas sobre quem são, produziram e/ou articularam conhecimentos.

Esses formatos discursivos são importantes não porque “falam” sobre “problemas” de mulheres “marginalizadas”, mas porque neles estão imbricadas relações de conhecimento e poder que nos cabem (re)pensar. Promover o reconhecimento dos conhecimentos e saberes que se constroem para além do conhecimento moderno fundamentado apenas em elaborações teóricas de razão colonial, é parte deste (re)pensar, pois este reconhecimento pode possibilitar justiça epistemológica e movimentos de ampliar o presente com a compreensão de outros modos de elaborar e atuar no mundo.

REFERÊNCIAS:

- BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. Revista Estudos feministas. No 2\95. vol. 3. 1995.
- CARVALHO, Lenira Maria de. A luta que me fez crescer. Org. C. Parisius. Recife: DED; Bagaço, 2000.
- CARVALHO, Lenira Maria de. Só a gente que vive é que sabe: depoimento de uma doméstica. Rio de Janeiro: Vozes/NOVA, 1982.
- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Trad. Natália Luchini. Seminário Teoria Feminista, CEBRAP, 2013.
- COSSON, Rildo. Letramento político: trilhas abertas em um campo minado. In: Revista E-legis, Brasília, n.7, p. 49-58, 2º semestre 2011.
- FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- HOOKS, bell. Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes. 2013.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. A redução sociológica: introdução ao estudo da razão sociológica. Rio de Janeiro: Iseb, 1958.